

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO

TÍTULO: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE GÊNERO OUTSIDERS NAS NARRATIVAS DE TRAVESTIS

AUTORES: LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO, LARISSA GUIMARÃES MARTINS ABRÃO, OTÁVIO CÉSAR TEIXEIRA OLIVEIRA, GABRIELA FRANCO DE ALMEIDA, ELEUSA GALLO ROSENBERG

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): FAPEMIG

PALAVRA CHAVE: IDENTIDADE, GÊNERO, TRAVESTIS

RESUMO

A lógica heteronormativa que permeia a sociedade ainda mantém uma naturalização do binarismo de gênero que patologiza e torna minoritárias, do ponto de vista político e social, as orientações não heterossexuais (MISKOLCI, 2013). São considerados, portanto, naturais e "normais" apenas as sexualidades vividas segundo os padrões que dividem a sociedade em masculino e feminino, relegando à marginalização e à "anormalidade" tudo o que for vivido fora disso (BUTLER, 2003).

Pensando, então, nos segmentos que tem sido abjetificados pelo funcionamento heteronormativo, o objetivo principal da pesquisa, que se encontra em andamento, é ouvir travestis e transexuais sobre seu percurso na constituição de sua identidade de gênero, de modo a compreender como construíram-se enquanto sujeitos numa sociedade que entende como naturais apenas as orientações sexuais que podem ser classificadas dentro do binarismo masculino x feminino.

Foram realizadas, até o momento, entrevistas com duas travestis e as narrativas por elas trazidas foram analisadas sob uma perspectiva qualitativa, que avalia os significados dos conteúdos presentes na fala de cada uma delas.

Como resultados parciais, podemos perceber que ambas as entrevistadas perceberam-se distantes da proposta heteronormativa de identificação com o sexo anatômico já na infância, quando elas relatam que se interessavam por objetos femininos, fazendo desfiles com roupas de mulheres e usando recursos de enfeites como batons e esmaltes. A reação das famílias foi a caricaturização de suas figuras e a tentativa de repressão destas manifestações tratando-as como expressão do abjeto e do errado. Em algumas situações o emprego de força física como método de coibir a feminilidade aparente foi relatado por elas.

Na adolescência, quando o corpo se torna parte mais conscientemente presente nas marcações identitárias, a repressão traduziu-se em expulsão de casa. Não tendo meios de subsistência pela dificuldade de empregamento, ambas as entrevistadas recorreram à prostituição, o que reforça a representação social das travestis como promíscuas e "safadas". O que não se discute socialmente é que a devassidão atribuída como característica nata das travestis é, de fato, uma produção da segregação vivida por elas. Ou seja, é este o lugar para onde elas são lançadas por uma sociedade que não oferece à travesti outra possibilidade profissional que não o do trabalho sexual.

Uma delas, cujo namorado insiste em manifestações públicas de afeto e compromisso, relata ter se sentido constrangida diante do julgamento social, como se estivesse ferindo as pessoas que assistem a tais manifestações.

Em seus depoimentos, são taxativas em dizer que sua identidade é feminina e que juntamente com o início de sua percepção sobre os corpos já existia a percepção sobre o desejo de terem um corpo feminino e de construírem como mulheres.

Como já mencionado, o trabalho ainda se encontra em fase de execução, mas é possível vislumbrar, no tratamento social dado às expressões identitárias, a necessidade de tornar patológicas e abjetas as identidades travestis, o que se reflete no modo como elas próprias encaram a constituição de si e a publicização de seus relacionamentos.